



## Índice

- 01 Indígena charruá desbravador em Dourados
- 02 Febre de recursos naturais ameaça comunidades isoladas sul-americanas
- 03 Sem aula nas aldeias, indígenas reivindicam e ameaçam bloquear MS-156
- 04 Conselheira Federal lança livro sobre biopirataria e povos indígenas
- 05 Silvana Terena quer ser a voz dos indígenas na Câmara Federal
- 06 Bom Dia AM: indígena em RO entra na faculdade antes de concluir 2º grau
- 07 Voto Indígena para quem?
- 08 Governo do Estado oferece intensivão para indígenas que vão prestar vestibular
- 09 Exclusivo: vídeo do 1º contato dos índios isolados com Funai no Acre
- 10 Seed promove mais uma etapa do curso de Formação de Professores Indígenas no Amapá
- 11 Pesquisador que esteve em Mato Grosso lança livro sobre o povo guarani
- 12 XXXII Festival do Açaí do Quilombo de Murumurutuba
- 13 Índios xavantes passam por qualificação em agricultura familiar
- 14 Seel prepara estrutura para eventos esportivos do segundo semestre
- 15 Mais de 50 índios ocupam propriedade rural no Norte do RS
- 16 Índio não quer apito, nem espelhos



- 17** Quilombo Timbó recebeu o Cinema na Estrada
- 18** Reservas extrativistas enfrentam o desafio da sucessão
- 19** Índios têm atenção diferenciada na gestação e partos
- 20** Paranhos- Grupo especial prende suspeitos de aterrorizar aldeias indígenas
- 21** XXXII Festival do Açaí do Quilombo de Murumurutuba
- 22** AGEHAB em Uruaçu, casas para os quilombolas
- 23** Evento reúne índios de 10 aldeias Guaranis no Centro Juan Diego
- 24** Para Antonio João, questão indígena merece atenção
- 25** Cerimônia indígena marca encerramento do curso de línguas
- 26** Brasil: Porta-voz dos índios Yanomami pede proteção policial devido a ameaças
- 27** Luciana Genro visita moradores de comunidades indígenas no Pecém
- 28** Bloqueio na MS-156 por educadores indígenas é por tempo indeterminado
- 29** Seminário debate economia solidária e desenvolvimento sustentável para as comunidades indígenas de Roraima
- 30** Plumária - Arte maior do Indígena Brasileiro
- 31** Justiça determina reintegração de posse contra comunidade Terena de Pillad Rebuá e indígenas garantem resistência



## **Indígena charruá desbravador em Dourados**

SÍTIO O PROGRESSO, 29.07.2014

Wilmar Peroso

Izidro Pedroso era um índio charruá, nascido em Bagé/Rio grande do Sul. Os índios Charruás foram quase dizimados pelos uruguaiois. Os Charruás foram os primeiros habitantes dos pampas. Passados 180 anos da batalha Silsipuedes, que por pouco não dizimou toda a raça Charruá, o restante dos charruás ficou vagando pelos Pampas.

Eram valentes, amavam a liberdade e eram bons cavaleiros. Nunca se deixaram ser submissos aos portugueses e espanhóis.

Os Charruás viviam na região da Argentina, Uruguai e Pampas do Rio Grande do Sul.

São altivos, soberbos e ferozes, levavam a cabeça reta, a frente erguida e a fisionomia clara, descreve o viajante espanhol, Félix de Azara, em um texto escrito em 1781.

Izidro Pedroso chegou aos campos dos Dourados na década do ano de 1890, fundou uma propriedade próxima à Picadinha, era vizinho do senhor Dezidério Braga, de quem era compadre, que administrou essa propriedade até o ano de 1920. Vendia erva mate, couros, banha de porco e rapadura, em Bela Vista, depois Aquidauana.

Comprava ferramentas, sal, querosene e tecidos que vendia na sua volta; quando o comprador não tinha dinheiro, ele recebia gado, voltava para a propriedade tocando as carretas (2), com um ajudante e repontando o gado. Quando lotava de gado a propriedade, ele arrendava o gado e começava nova criação.

Em 1920 comprou parte da fazenda Coqueiro de um sócio de Joaquim Teixeira Alves. Requereu uma chácara junto a propriedade e aí construiu uma moderna casa para a época. Na propriedade, construiu os currais.

Izidro era um bom charruá, tinha muita amizade e o apelido de índio, assim como os seus filhos e netos. No lugar, onde vivia, Izidro fundou uma tribo "Pedrozos Indígena". Izidro teve 14 filhos e 82 netos.

Hoje, os Pedrozos se orgulham de ser Charruás. Charruás médicos, veterinários, advogados, dentistas, engenheiros, técnicos em contabilidade, delegados e juízes.

Provavelmente, nós da tribo charruá, pediremos o reconhecimento da Funai, de que somos indígenas. E pediremos de volta as terras que pertenceram a Izidro Pedrozo, o Charruá desbravador.

CONT.



**Boletim de Notícias** - Edição nº 131 / 2014

Brasília, 30 de julho de 2014.

---

Quando era menino, fui até a loja do senhor Câmara. Chegando lá, o vendedor perguntou o que você quer, índio? Quero um quilo de trigo.

Alguém que estava no local disse: - Que história é essa, indígena branco? O vendedor explicou, este menino é neto do Izidro Pedrozo, veja seu porte e feição, e verá que é um índio branco.

A terra dos Charruás do passado, por direito, é dos Charruás. Se forem desapropriadas, será terra dos charruás, somente dos Charruás.

Aposentado Charruá mais idoso de Dourados



**Febre de recursos naturais ameaça comunidades isoladas sul-americanas**

SÍTIO CORREIO BRAZILIENSE, 29.07.2014

*Demanda crescente por matérias-primas alimentou o desenvolvimento, na última década, dos países sul-americanos, às vezes em conflitos com as reivindicações de grupos ambientalistas e indígenas*

France Presse

Publicação: 29/07/2014 16:01 Atualização:

Washington - A extração de recursos naturais, obras de infraestrutura e o turismo põem em risco as comunidades indígenas que vivem isoladas nas regiões mais remotas da América do Sul, revelou um informe da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), publicado esta terça-feira (29/7).

As incursões nos territórios indígenas "ocorrem, em sua maioria, no contexto de extração de recursos naturais", informou a CIDH no documento de 80 páginas. Segundo a CIDH, as atividades de extração "talvez representem a maior ameaça ao pleno gozo dos direitos humanos" destes povos, que vivem em isolamento voluntário ou com contato esporádico com o mundo exterior.

A CIDH registra casos de corte legal ou ilegal de madeira em Brasil, Peru ou Equador, extração de combustíveis na Bolívia, mineração ilegal na Venezuela ou criação de gado e cultivo de soja no Paraguai, bem como construção de rodovias ou projetos de hidrelétricas em áreas protegidas.

A demanda crescente por matérias-primas alimentou o desenvolvimento, na última década, dos países sul-americanos, ricos em recursos energéticos e minerais, às vezes em conflitos com as reivindicações de grupos ambientalistas e indígenas.

"Neste contexto, o desafio para os países, organizações e defensores de direitos humanos é conseguir a proteção dos direitos dos povos indígenas em isolamento voluntário e contato inicial, ou ser testemunhas de seu desaparecimento", destacou a CIDH.

Uns 200 povos indígenas e cerca de 10 mil pessoas vivem em zonas remotas de selva amazônica e na região do Gran Chaco (compartilhada por Brasil, Paraguai, Bolívia e Argentina) e formam a maior população isolada do mundo. Estas populações vivem em uma "situação única de vulnerabilidade", sob ameaça apenas em entrar em contato com estranhos, segundo a CIDH, órgão autônomo da OEA.

O contato com missionários ou cientistas ou a descoberta de utensílios e alimentos desconhecidos são suficientes para ameaçar sua cosmovisão e causar uma "perda cultural

CONT.



**Boletim de Notícias** - Edição nº 131 / 2014

Brasília, 30 de julho de 2014.

irreparável". Os povos indígenas também são vítimas de contágios de doenças estranhas ou de agressões diretas pelas incursões de terceiros.

Em algumas ocasiões, "o povo passa de uma situação de autossuficiência na selva a uma dependência quase total de quem lhe dá comida e medicamentos", com um "grande efeito desmoralizante na identidade do povo", segundo o informe.

A CIDH também pediu para regulamentar o turismo nas zonas indígenas, destacando que a noção de comunidades isoladas como "atração 'turística' reduzia o respeito à sua dignidade enquanto sujeitos de direitos como povos e como pessoas".



---

**Sem aula nas aldeias, indígenas reivindicam e ameaçam bloquear MS-156**

SÍTIO TOPMIDIA NEWS, 29.07.2014

*Professores estão em greve e reivindicam melhor infraestrutura nas escolas indígenas, estradas das aldeias e carga horária*

Cerca de 250 professores indígenas que lecionam nas sete escolas localizadas nas Aldeias Jaguapiru e Boboró se reuniram na manhã desta terça-feira (29), na rotatória da MS-156 que liga Dourados a Itaporã. Em greve, há aproximadamente 10 dias, os educadores ameaçam bloquear a rodovia caso o prefeito Murilo Zauith (PSB), não atenda as reivindicações apresentadas.

Segundo o cacique da Aldeia Jaguapiru, Laucídio Ribeiro Flores, os professores reclamam da superlotação nas salas de aula, das condições das estradas que ligam as aldeias ao município e pedem para que seja realizado concurso público direcionando piso e carga horária de 20 horas semanais.

"Temos entre três e quatros mil alunos das Aldeias Jaguapiru, Boboró e Panambizinho e cerca de 600 fora das salas de aula. Precisamos de infraestrutura para atender os estudantes. Hoje tínhamos 200 professores na rotatória distribuindo os folhetos para que a sociedade esteja a par da nossa luta", explicou.

Conforme o cacique, os educadores aguardam uma resposta do prefeito ainda hoje para que as reivindicações sejam discutidas com o Sindicato Municipal da Trabalhadores da Educação. "Estamos com bastante esperança quanto a resposta do prefeito para que possamos retornar às aulas. Acreditamos que ele vai atender às nossas reivindicações", afirmou.

De acordo com o líder indígena, caso o prefeito não atenda às reivindicações, até às 17 horas, a MS-156 será bloqueada na manhã desta quarta-feira (30). Na última semana, lideranças se reuniram e interditaram a Perimetral Norte, no trecho entre a avenida Guaicurus e a MS-156. No protesto, eles pediam por sinalização e segurança na rodovia localizada entre as aldeias.

O protesto foi realizado por quatro dias até que engenheiros do Estado foram ao local e garantiram a instalação de sinalizações e sonorizadores a fim de proporcionar mais segurança ao pedestres.



---

**Conselheira Federal lança livro sobre biopirataria e povos indígenas**

SÍTIO AMAMBAI NOTÍCIAS, 29.07.2014

A Conselheira Federal e presidente da Comissão Permanente de Assuntos Indígenas (COPAI) da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Mato Grosso do Sul (OAB/MS), Samia Roges Jordy Barbieri, lança o livro "Biopirataria e povos indígenas". O lançamento da publicação será no dia 18 de agosto, no Conselho Federal da OAB, em Brasília.

Baseado em sua tese de doutorado, defendida em 2011, o livro escrito por Samia discute a prática da biopirataria, que transforma a biodiversidade em produto, em que são apropriados a cultura, saberes e medicina tradicional dos povos indígenas sem a repartição equitativa dos lucros obtidos com a venda dos produtos. A publicação expõe a existência de dois mundos, onde, de um lado o capitalismo visa o lucro a qualquer preço, de outro, está o patrimônio cultural imaterial dos povos indígenas.

"É preciso lutar para que os povos indígenas possam participar do desenvolvimento da sociedade mantendo sua identidade cultural preservada, buscando novos mercados consumidores", ressalta a advogada. Para Samia, a ampliação da venda dos artesanatos e produtos indígenas incentiva a etnossustentabilidade e o etnodesenvolvimento.

Samia Barbieri também é autora do livro Os Direitos Constitucionais dos Índios e o Direito à Diferença, Face ao Princípio da Dignidade da Pessoa Humana. As duas publicações são editadas pelo Grupo Almedina.

Lançamento - A obra "Biopirataria e povos indígenas" será lançada no CFOAB, no dia 18 de agosto, às 19h, no Hall do Plenário do 3º andar. Já o lançamento estadual ocorrerá durante a XIII Conferência Estadual dos Advogados, no Centro de Convenções Rubens Gil de Camilo, nos dias 24, 25 e 26 de setembro, em Campo Grande.



---

**Silvana Terena quer ser a voz dos indígenas na Câmara Federal**

SÍTIO JL NEWS, 29.07.2014

Da redação

Defender os povos indígenas de Mato Grosso do Sul e de todo o país, este é o objetivo da candidata a deputada federal Silvana Dias de Souza de Albuquerque, a Silvana Terena (PPS). Militante há mais de dez anos, tendo atuado especialmente na defesa das mulheres indígenas, Silvana quer ser instrumento de seu povo dentro do parlamento federal.

“É um desafio que não será fácil”, comentou. Para a candidata, a comunidade indígena precisa de um representante na Câmara dos Deputados. “Quero dar mais assistência para as comunidades indígenas, que estão em situação precária e completamente abandonadas pelo Poder Público”, completou.

Silvana Terena ressalva que os índios brasileiros têm direitos garantidos na Constituição Federal. “Nós temos nossos direitos, está na constituição, mas ninguém o faz valer”, criticou. “Sou mãe, sou indígena, conheço minha terra e sei do sofrimento e das necessidades que passamos. Acredito que recebi uma missão e quero cumpri-la, podem confiar em mim, pois irei representar tanto os indígenas quanto os brasileiros de um modo geral”, finalizou a candidata, que disputa com o número 2323.

**Bom Dia AM: indígena em RO entra na faculdade antes de concluir 2º grau**  
SÍTIO G1, 29.07.2014

*Bom resultado no Enem possibilitou acesso ao nível superior de educação*



O Bom Dia Amazônia desta terça-feira (29) mostrou a história da indígena surui Walelasoetxeige Paiter Bandeira Surui. Ela é a primeira índia do estado de Rondônia a ingressar em uma faculdade sem ter concluído o segundo grau, resultado de notas satisfatórias que conquistou no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Aos 17 anos, a Walelasoetxeige se sente feliz pela conquista, que precisou de processos jurídicos para conseguir fazer a matrícula para o curso de direito na Universidade Federal de Rondônia. "Eu quero ser juíza, promotora, nem comecei a faculdade ainda, mas a gente tem que pensar longe né?" finalizou a menina que está ansiosa para o início das aulas.



### **Voto Indígena para quem?**

SÍTIO ÍNDIO EDUCA, 29.07.2014

A população indígena brasileira, conta hoje com aproximadamente 305 etnias indígenas, falantes de 274 línguas indígenas e de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (censo 2012) a população indígena é estimada em 896.900 mil indivíduos. E já imaginou pra onde vai essa quantidade de voto?

Uma das ultimas bandeiras de lutas, que ainda permanece entre a população indígena, é ter “um índio no poder”. Sim! No poder legislativo. São inúmeras as candidaturas indígenas que acontece a cada ano de eleição. Mais é preciso analisar que, desde Mário Juruna, a população indígena jamais teve alguém que realmente nos representasse dentro da Câmara do deputados, das Assembleias Legislativas e nunca vimos um se quer no senado.

Nas prefeituras municipais, e nas câmeras de vereadores já é possível ver essa mudança de realidade. Mais o efeito desses cargos municipais não causam impactos positivos muito grande nas políticas indígenas, visto que são casos isolados.

Agora é mais do que nunca é preciso analisar, pra onde vai o voto da população indígena, se não conseguirmos eleger um representante estadual. O ano de 2014, já recebeu a dose dessas candidaturas, mais se não amadurecermos o nosso conceito de “voto”, essa realidade não muda.

Pegando como exemplo Roraima, que busca eleger a alguns tempo eleger um representante. Que toda eleição, essas candidaturas são frustradas. O que temos a pensar? As máquinas do governos, os grandes caciques políticos, os donos do dinheiros e outros, já conhecem e sabem da força que o movimento indígena tem, por isso antes de tudo, eles são os primeiros a desarticular e romperem esse movimento. Como? Simples, o primeiro passo que acredito ser visto em todos os estados é escolher alguém de nós! É um dos mais fracos, que se vende a troco de bugigangas, e de presentes baratos. E aí quando o movimento indígena lança um candidato indígena, os movimentos anti-indígenas lançam dois ou três candidatos indígenas. O pior é que, alguns desses candidatos aliados a movimentos anti-indígenas, nós ainda tivemos o desgosto de chamar de “liderança”. Uma outra análise que deve ser feita, é a compra de votos nas comunidades indígena, que é claro a mais destruidora máquina de candidatos indígenas ligado ao movimento indígena. É preciso notar que os candidatos indígenas que disputam o pleito não tem grana pra comprar voto, pra distribuir telhas, redes, embora se tivesse, as verdadeiras lideranças jamais fariam isso.

Cabe a nós povos indígenas e simpatizantes, articular, conscientizar nosso próprio povo, embora isso não seja uma tarefa muito fácil, pois historicamente alguns sempre se vendem em troca de poucas moedas.



---

**Governo do Estado oferece intensivão para indígenas que vão prestar vestibular**  
SÍTIO SURGIU, 29.07.2014

*Os estudantes revisaram conteúdos das disciplinas de física, química, biologia, português, matemática e redação*

Pela primeira vez no Tocantins, o Governo do Estado, por meio da Secretaria Estadual de Defesa Social (SEDS) ofereceu cursinho pré-vestibular a estudantes indígenas. Participaram da iniciativa, que incluiu aulas intensivas preparatórias para concorrer às provas de vestibular que acontecem no segundo semestre deste ano na Universidade Federal do Tocantins (UFT) 18 estudantes do povo Javaé, das aldeias Canoanã, Txuiri e São João. Segundo o supervisor de afrodescendentes e indígenas da SEDS, André Luiz Gomes da Silva, objetivo da ação é preparar os indígenas para o processo seletivo.

Os estudantes revisaram conteúdos das disciplinas de física, química, biologia, português, matemática e redação. Paulo Andre Ixati Karajá, indígena que também é funcionário da Seds acompanhou o intensivão, que durou 3 dias e espera que a ação se torne um programa para beneficiar outros indígenas que estão em busca de graduação.



**Exclusivo: vídeo do 1º contato dos índios isolados com Funai no Acre**  
SÍTIO NOTICIDADE, 29.07.2014

[https://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=Sb7alahD-BE](https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=Sb7alahD-BE)

Faz um mês nesta terça-feira (29) que um povo indígena isolado estabeleceu o primeiro contato com indígenas da etnia ashaninka e servidores da Fundação Nacional do Índio (Funai), na Aldeia Simpatia da Terra Indígena Kampa e Isolados do Alto Rio Envira, no Estado do Acre, na região de fronteira do Brasil com o Peru.

Os grupos de índios isolados da região, que entre si se envolvem em conflitos armados, buscam proteção no lado brasileiro porque estão sendo massacrados por narcotraficantes e madeireiros peruanos.

Terra Magazine, em maio de 2008, mostrou ao mundo (veja) as primeiras imagens de um dos grupos de índios isolados que vivem na região, fotografado durante sobrevoo coordenado pelo sertanista José Carlos dos Reis Meirelles Júnior, que chefiava a Frente de Proteção Etnoambiental (FPE) da Funai. Dessa vez, o Blog da Amazônia obteve com exclusividade o vídeo inédito do primeiro contato, fotos e o relatório de campo da equipe da Funai.

Há mais de dois anos a FPE foi invadida por peruanos, os servidores da Funai bateram em retirada e desde então foi abandonada pelo governo brasileiro. O pessoal da FPE acompanhava a aproximação dos índios isolados desde o dia 13 de junho. O sertanista José Carlos Meirelles, que atualmente trabalha na Assessoria Indígena do Governo do Acre, tem participado dos contatos.

O primeiro contato com os índios isolados, sem auxílio de intérprete, foi estabelecido pelo índio Fernando Kampa de forma pacífica. Os ashaninka da Aldeia Simpatia se aproximaram e os isolados gesticulavam pedindo a calça de um servidor da Funai, que se aproximou juntamente com os ashaninka apenas de cueca.

- Ao gesticularem pedindo comida, o indígena Fernando Kampa pediu que fossem apanhados dois cachos de banana e os deu aos índios, realizando assim o contato.

No momento de entrega das bananas, também apareceu na margem contrária outro índio isolado que havia sido avistado na BAPE Xinane e também uma mulher com um saiote, possivelmente feito de envira, e com uma criança de aproximadamente cinco anos. A mulher entregou um jabuti ao indígena Fernando Kampa como forma de agradecimento ou troca pelas bananas – diz o relatório de campo da equipe da Funai.

Após o primeiro contato, de acordo o relatório, o indígena Fernando Kampa pediu que os ashaninka pegassem suas roupas para dar aos isolados e os chamou para o acompanhar até a

CONT.



aldeia Simpatia. "Mais uma vez não foi possível controlar os avanços dos ashaninka". Segundo o relatório, as roupas estavam sujas, possivelmente com escarros, doenças sexualmente transmissíveis, que podem ter contaminado os isolados.

O fato é que o grupo de índios isolados contraiu gripe e se deslocou junto com a equipe da Funai para a base da FPE Xinane. O grupo foi convencido a permanecer na aldeia até que fosse encerrado o atendimento médico pela equipe mobilizada pelo geógrafo Carlos Travassos, da Coordenação-geral de Índios Isolados da Funai em Brasília.

Após a conclusão do tratamento, os indígenas retornaram para suas malocas, onde estão os demais integrantes de seu povo. De acordo com informações dos intérpretes que integram a equipe da Funai, os índios pertencem a um subgrupo do tronco linguístico pano.

A equipe da Funai encontrou uma pequena bolsa na qual os índios isolados carregavam cachimbo, camisas, caixa de fósforo peruano, embalagens de sabão peruano, uma carteira do Corinthians enrolada com pedaços de fios coloridos e com um pote contendo um líquido, provavelmente um anticoagulante que é aplicado na ponta das flechas.

Havia também cartucho calibre 32, pólvora preta (marca Jacaré), uma espoleta, pacote vazio de sal (marca Caiçara), caucho (sernambi), três lâmpadas incandescentes, parafusos e porcas, que os isolados usam para carregar cartuchos da espingarda. O material foi todo devolvido aos isolados.

Os índios isolados, que prometeram regressar com familiares no prazo de luas -mais ou menos no começo de setembro-, neste domingo (27) decidiram antecipar. Um grupo de oito isolados se estabeleceu na Aldeia Simpatia, incluindo uma criança.

O índio Zé Correia, da etnia jamináwa, chamado pela Funai como intérprete, contou que os índios isolados preferiram não se identificar porque temem ser alvos de novas correrias (matança organizada de índios) por parte de outros grupos indígenas isolados.

- Mas a situação mais grave envolve os narcotraficantes e madeireiros peruanos. A maioria desse grupo contatado é de jovens. A maioria dos velhos foi massacrada pelos brancos peruanos, que atiram e tocam fogo nas casas dos isolados. Eles disseram que muitos velhos morreram e chegaram enterrar até três pessoas numa cova só. Disseram que morreu tanta gente que não deram conta de enterrar todos e os corpos foram comidos pelos urubus.

Nosso povo jamináwa compreende a língua dos isolados e nós vamos acompanhar. O governo brasileiro precisa fazer algo para defender esses povos. Eles disseram que existem outros cinco povos isolados na região e que são grupos bastante numerosos.

Apesar das diferenças e dos conflitos que existem entre esses grupos, todos são perseguidos pelos brancos peruanos. Qualquer dia todos esses povos podem procurar o Brasil em busca de proteção. A Frente de Proteção Etnoambiental da Funai precisa de total apoio. Vai ser impossível se fazer algo apenas com as mãos e as unhas. Não podemos ser cúmplices de genocídios – apelou Correia.



## **Seed promove mais uma etapa do curso de Formação de Professores Indígenas no Amapá**

SÍTIO CHICO TERRA, 29.07.2014

O Governo do Amapá, por meio da Secretaria de Estado da Educação (Seed), promove mais uma etapa de módulos do curso de Formação de Professores Indígenas em Nível Médio e Magistério. Mais de 200 profissionais da educação indígena, matriculados regularmente, serão beneficiados em suas comunidades. O investimento soma mais de R\$ 1 milhão.

O objetivo é habilitar professores para lecionar na educação infantil e do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental; e visa também melhorar a qualidade da educação dos indígenas do Estado do Amapá, com a inclusão desses profissionais no mercado de trabalho.

A formação de professores indígenas é dividida em 15 módulos. As aulas acontecem no Parque do Tumucumaque, para 55 estudantes da aldeia Missão, 55 da aldeia Bona, 110 da aldeia Manga, do município de Oiapoque, e 55 na aldeia Aramirã, do município de Pedra Branca do Amapari.

Segundo Alciléa Ferreira, coordenadora de Educação Específica da Seed, consolidar uma escola que reflita sobre o modo de vida dos povos tradicionais é valorizar a manutenção das culturas e tradições indígenas.

A Seed, em parceria com o Ministério da Educação, produziu e distribuiu material didático e uniformes para os professores. Os conteúdos foram elaborados pelas empresas de consultoria, que ganharam a licitação realizada pelo Núcleo de Educação Indígena da Seed.

Aldiere Orlando, gerente do Núcleo de Educação Indígena, explica que, além do reconhecimento profissional, os professores poderão continuar estudando até alcançar uma graduação no ensino superior. "Mais tarde, eles poderão também cursar outros níveis de ensino para lecionar no ensino médio. Continuam morando nas suas aldeias de origem e assim contribuem para a educação dos seus povos", completou.



---

**Pesquisador que esteve em Mato Grosso lança livro sobre o povo guarani**

SÍTIO CENÁRIO MT, 29.07.2014

“O que é, o que é – O pajé e as crianças numa aldeia Guarani?” é o nome do novo livro de Luís Donisete Benzi Grupioni, antropólogo que estuda os povos indígenas e fez pesquisa com os bororos em Mato Grosso. O livro acaba de ser publicado pela editora Moderna e conta a história dos pequenos índios, que conversam com o pajé e se entretêm em um jogo de adivinhação.

Este jogo, chamado Mbaravija, ou adivinhação, é muito apreciado pelos guarani, e consiste em fazer perguntas criativas e estimular os que estão à sua volta a responder. Falando da brincadeira, Luís Donisete apresenta os costumes e a cultura dessa tribo de maneira lúdica e divertida.

O que é, o que é? – O pajé e as crianças numa aldeia Guarani faz parte da coleção Girassol, que possui uma linguagem simples e divertida e é indicada para crianças já iniciadas no processo de leitura. A história estimulará os pequenos na leitura e ainda despertará a curiosidade por nossa cultura indígena.

**Sobre o autor**

Luís Donisete Benzi Grupioni nasceu e vive em São Paulo. Estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, onde fez mestrado e doutorado em Antropologia Social. Além de Mato Grosso, realizou pesquisa de campo entre os Zo'ê e Tiriýó, no norte do Pará. Atualmente é coordenador do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé), organização que atua entre os povos indígenas no Amapá e norte do Pará, e secretário-executivo de uma rede de cooperação entre organizações indígenas e indigenistas que trabalham na Amazônia (RCA).



---

**XXXII Festival do Açaí do Quilombo de Murumurutuba**

SÍTIO SUA CIDADE, 29.07.2014

Nos dias 1º e 02 de agosto, na Comunidade Quilombola de Murumurutuba, será realizado o XXXII Festival do Açaí. O evento é organizado pela diretoria do Sacramento Esporte Clube do Quilombo de Murumurutuba, em parceria com a Prefeitura de Santarém. Estão programadas atividades sócio-culturais e esportivas. O acesso a comunidade é pela Rodovia Santarém Curua-Una, no Km 33 segue pelo ramal da Comunidade Santa Rosa.

Programação

01/02 (Sexta-feira)

Tarde:

Quadrangular Esportivo de Master, com premiação.

Noite:

Abertura oficial do Festival. Apresentação de danças folclóricas, desfile das candidatas a rainha do Festival e música ao vivo.



---

**Índios xavantes passam por qualificação em agricultura familiar**

SÍTIO MIDIA NEWS, 29.07.2014

*O curso tem 160 horas de duração e se estenderá por cerca de dois meses*

DÉBORA SIQUEIRA  
SECITEC

Índios da etnia xavante da aldeia Belém, em Canarana (830 km ao Nordeste), iniciaram o curso de agricultor familiar do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) ministrado pela Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia (Secitec) no dia 23 de julho. A demanda pela qualificação partiu dos próprios indígenas à Secretaria Municipal de Assistência Social do município, que buscou a parceria com o Estado.

As aulas teóricas e práticas ocorrem dentro da própria aldeia, na escola indígena, que fica a 50 km da sede do município. O que eles aprendem à noite sobre a cultura de frutas nativas e a criação de frangos é aplicado nas aulas práticas durante o dia.

“O curso é ministrado por um professor que é técnico agrícola, encarregado dos viveiros e mudas do município. Ele faz parte da associação de coletores de sementes e tem uma vasta experiência em agricultura familiar”, explicou a coordenadora do Pronatec da Escola Técnica Estadual de Barra do Garças, Jenaína Nasser.

O curso tem 160 horas de duração e se estenderá por cerca de dois meses. Ao todo 20 alunos que participam das aulas e, apesar do pouco tempo de estudo, os participantes já fizeram mais pedidos por qualificação.

“Eles querem agora um curso de piscicultura. Outras lideranças de aldeias indígenas já buscaram qualificação por meio de cursos do Pronatec”, disse a coordenadora.

O cacique da aldeia Belém, Cesar Tsereurã, comemorou a realização do curso. “No final do curso faremos uma festa”.



## **Seel prepara estrutura para eventos esportivos do segundo semestre**

SÍTIO AGÊNCIA PARÁ DE NOTÍCIAS, 29.07.2014

Assessores, técnicos, gerentes e servidores da Secretaria de Estado de Esporte e Lazer (Seel) se preparam para as atividades programadas para o segundo semestre deste ano. A primeira é a 13ª edição do Grande Prêmio Caixa Pará de Atletismo, que ocorre no segundo domingo de agosto, dia 10, no Estádio Olímpico do Pará (Mangueirão), das 8 horas ao meio dia. A competição é promovida em parceria com a Confederação Brasileira de Atletismo (Cbat).

Belém faz parte do circuito de meetings da Cbat desde 2002 e até hoje detém recorde de público em competições da América do Sul, com 42.640 pessoas acompanhando a competição em 2004. Antes do GP, haverá a prova do Campeonato Sul-Americano de Milha de Rua, que neste ano será na sexta-feira, dia 8, pela primeira vez no Portal da Amazônia, à noite.

No dia 16 de agosto, às 19 horas, a Seel faz o lançamento dos IV Jogos Tradicionais Indígenas, na praça central de Marudá, em Marapanim, nordeste do Pará. Os jogos são uma parceria da Seel com o Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena e têm apoio da Celpa.

No período de 16 a 21 de setembro, em Castanhal, no nordeste do Pará, haverá o encerramento dos VIII Jogos Abertos do Pará, com a participação de cerca de 800 atletas, que são alunos de escolas dos municípios envolvidos. Todos os campeões das fases regionais – Nordeste/ Caetés, Sudeste I, Oeste, Metropolitana, Marajó, Baixo Tocantins e Araguaia – estarão presentes e competirão entre si.

Ainda em setembro, de 4 a 10, na praia de Marudá, em Marapanim, ocorre a quarta edição dos Jogos Tradicionais Indígenas, dos quais participam cerca de 450 atletas indígenas de 13 etnias do Pará. Cada etnia participará com uma equipe máxima de 30 pessoas. São elas: Aikewara, Arawete, Assurini do Tocantins, Assurini do Xingu, Gavião Kykatejê, Gavião Parkatejê, Guarani, Kayapó, Munduruku, Parakanã, Tembê, Xikrin, Wai Wai e as convidadas, que são Pataxó (da Bahia) e Xerente (do Tocantins).

Para a segunda quinzena de outubro está prevista a entrega das obras de reforma do Mangueirão, iniciadas em junho deste ano e que, além da reforma completa do gramado, ainda preveem a revisão total das instalações elétricas de alta complexidade, pintura, reforma do telhado, instalação do novo sistema de monitoramento eletrônico e novas catracas eletrônicas. Dedé Mesquita

Secretaria de Estado de Esporte e Lazer



## **Mais de 50 índios ocupam propriedade rural no Norte do RS**

SÍTIO G1, 29.07.2014

*Área de dois hectares está alugada para companhia de asfalto desativada. Funai vai verificar se a área em questão tem tradição indígena.*

Mais de 50 índios ocupam uma propriedade em Cacique Doble, na Região Nordeste do Rio Grande do Sul. Eles pedem a demarcação da área para a aldeia Caingangue, como mostra reportagem do Bom Dia Rio Grande, programa da RBS TV (veja o vídeo acima).

A área de cerca de dois hectares está alugada para uma companhia de asfalto desativada há anos. Máquinas paradas e casas prontas foram os fatores que atraíram os indígenas para o local, e eles não pretendem sair. "Não é uma invasão, aqui é uma retomada da nossa terra que já pertenceu aos nossos ancestrais e as nossas famílias estão crescendo, então a gente está reivindicando isso", disse Valdir de Matos, cacique da aldeia de Cacique Doble.

Mais de cinquenta indígenas devem fixar acampamento na propriedade. A ação faz parte de um protesto pela demarcação de mais de dois mil hectares de terras na região para a população Caingangue. O processo judicial com a reivindicação está em fase de estudo, a Funai vai verificar se a área em questão tem tradição indígena.

De acordo com a Funai, o diagnóstico ambiental das terras reivindicadas pelos indígenas, deve começar em 2015. A associação dos agricultores de Cacique Doble registrou a ocupação na degelacia.

O proprietário das terras disse que ainda não sabe se vai entrar com um pedido de reintegração de posse na justiça e negou que a área seja improdutiva. "Improdutiva não é, né. Eu acho que se está alugado, e o cara tem guarda e está mantendo. Acho que não é, né", disse o proprietário das terras, Jair Pazzinato.

Em Cacique Doble há uma área demarcada de quatro mil hectares, onde vivem cerca de mil índios.



## **Índio não quer apito, nem espelhos**

SÍTIO EL PAIS, 29.07.2014

*Continuamos a tratar os índios com profundo desprezo – eles são a parcela mais invisível da nossa sociedade*

Para Rabuzina

Relatório conjunto do World Resources Institute e do Rights and Resources Initiative demonstram em números algo que já sabíamos empiricamente: os índios são os melhores protetores das reservas florestais. Segundo a pesquisa, as áreas situadas fora das terras indígenas têm uma taxa de desmatamento onze vezes superior. O Brasil conta com 13% do território destinados a comunidades nativas, sendo que, deste total, 98% estão localizados na Amazônia. Embora não haja qualquer dúvida a respeito do significado, inclusive geopolítico, desta riqueza, continuamos a tratar os índios com profundo desprezo – eles são a parcela mais invisível da nossa sociedade.

Quando aqui chegaram os primeiros colonizadores, estima-se que havia perto de quatro milhões de nativos. O encontro com os brancos revelou-se uma tragédia sem proporções – restam hoje pouco mais de 900 mil, boa parte deles vivendo em condições miseráveis em assentamentos à beira de estradas, nas periferias das cidades ou até mesmo em favelas nas grandes metrópoles. Só para se ter uma idéia da rapidez com que as populações autóctones foram dizimadas, cito o caso da Zona da Mata de Minas Gerais.

Em 1828, o francês Guido Marlière, nomeado inspetor de índios pelo imperador D. Pedro I, com o objetivo de pacificar, civilizar e aldear as “tribos ferozes” da região, passou pelo Porto dos Diamantes, antiga denominação de Cataguases, e encontrou trinta e oito “fogos” de brasileiros – simples choças ou casebres – e algumas aldeias de coroados, coropós e puris. Em 1842, quando ali aportou o major Joaquim Vieira da Silva Pinto, vindo de Lagoa Dourada com seus escravos africanos para fundar a cidade, já não há mais menção a índios – e foram decorridos apenas 14 anos!

Para além do genocídio pelo confronto direto ou pela contaminação por doenças, houve o estupro das mulheres indígenas, outra forma de matá-las – e onde estranhamente alguns vêem a raiz da chamada “democracia racial brasileira”. Uma análise de marcadores autossômicos, em pesquisa encabeçada pela Universidade de Brasília, revela que, pela linhagem masculina, a população brasileira é predominantemente europeia (90%), mas quando tomada a linhagem feminina, há um equilíbrio entre a contribuição europeia (21%), africana (32%) e indígena (47%). Dito em outras palavras, o brasileiro é mestiço, sim, mas com um histórico de cruzamento de homem europeu com mulher indígena e/ou africana, na maioria absoluta dos casos por meio da força.

De acordo com o censo populacional de 2010, 32% dos índios vivem em polos urbano, em

CONT.



condições bastante precárias. Só para se ter uma idéia, entre as 10 cidades com maior número de nativos aparecem grandes metrópoles como São Paulo, em segundo lugar, com 13 mil; Salvador, em sexto, com 7,5 mil; Rio de Janeiro, em oitavo, com 6,7 mil, e Brasília em nono, com 6,2 mil. E, das dez cidades com maior percentual indígena na população total, quatro encontram-se em Roraima, duas no Amazonas, uma no Acre, todas na região Norte, e, surpreendentemente, duas no Nordeste (ambas na Paraíba) e uma no Sudeste (em Minas Gerais).

Alguns números dos quais deveríamos nos envergonhar: o analfabetismo entre os índios é de 33% (contra 9% da média nacional), 38% das crianças não têm certidão de nascimento e 53% dos adultos não têm qualquer rendimento. E aqui um dado estarrecedor: a população indígena é predominante jovem – 36% têm entre 0 e 14 anos – e o índice de suicídio, principalmente no meio adolescente, é quatro vezes superior à da população em geral, chegando a ser, em alguns lugares, como o Mato Grosso do Sul, até 34 vezes mais alto que a média. Segundo a Unicef, responsável pelo estudo, as principais causas são a discriminação sofrida por eles e os danos psicológicos advindos da expansão desenfreada das cidades e da especulação fundiária. Ao longo da primeira década do Século XXI, 563 índios foram assassinados no Brasil. E o crescimento de atos de violência contra os povos indígenas está diretamente ligado, conforme o Conselho Indigenista Missionário, à omissão por parte do Estado no processo de demarcação das terras...



## **Quilombo Timbó recebeu o Cinema na Estrada**

SÍTIO CIDADE A 1000, 29.07.2014

*O público ficou ansioso para o início da sessão*

Por Julya Vasconcelos  
Da Fundarpe

Para chegar à porta da pequena igreja de Nossa Senhora de Nazaré, que fica logo na entrada do Quilombo Timbó, um dos mais antigos de Pernambuco, é preciso subir uma escadaria. Às 19h, olhar de baixo a igreja e ver por cima o céu raro, escuro e estrelado de Timbó, fazia parecer que alguém havia apagado as luzes de uma verdadeira sala de cinema. Sentados na escadaria como em uma arquibancada, os moradores da comunidade esperavam começar o "Cinema na Estrada", sábado à noite (26/7). O público, composto sobretudo de crianças, parecia ansioso para o início da sessão.

"Desde o ano passado que eu fiquei entusiasmado com o cinema aqui em Timbó. Acho um espetáculo!", comenta seu Expedito Ferreira da Silva, um dos líderes comunitários do Quilombo, que acompanhou de perto toda a ação. Expedito também sublinhou a importância de programas de formação continuada nos quilombos. Lamentou, por exemplo, que não haja ainda nenhum professor formado de Timbó que possa repassar conhecimentos à comunidade partindo de dentro dela. Para ele, esse empoderamento é essencial para a sobrevivência dos quilombos. Ações como o "Cinema na Estrada" e a oficina de fotografia ministrada por Diego Di Niglio durante a semana são, segundo seu Expedito, essenciais para Timbó, pois abre os horizontes de possibilidades dos moradores, principalmente dos jovens.

O documentário "Psiu!", de Antônio Carrilho e Juliana Lima, que conta a história de Zé Dantas, parceiro de Luiz Gonzaga, arrancou aplausos da plateia quando exibiu imagens de Ariano Suassuna e Dominginhos. "Viva Ariano! Viva Dominginhos!", gritavam os quilombolas, reverentes aos dois mestres da cultura nordestina. "Dia Estrelado", de Nara Normande, fez sucesso entre as crianças. "Eu gostei daquele desenho do menino com a mosquinha, mas não gostei do da boneca que faz medo", diz Jameson, de cinco anos. No colo do pai, assistiu a toda a sessão. "Eu gostei de tudo. Acho muito bom porque sou agricultor, é muito raro eu sair daqui da comunidade. É muito bom que o cinema venha pra cá, todos se divertem muito", diz o pai, de 31 anos. Camila, de 16 anos, estava com um grupo de adolescentes, e disse gostar muito de cinema e televisão. "Eu achei interessante, acho que foi uma noite bem divertida", afirma a menina. Cerca de cinquenta pessoas acompanharam a sessão de Timbó. Durante este FIG, o projeto circulou por mais duas comunidades: Logradouro de Leões e Distrito de Imbé.

Segundo Carla Francine, a Coordenação de Cinema e Audiovisual da Secult-PE, o programa é essencial para a formação de público para a linguagem em Pernambuco e para a democratização de acesso. "A proposta do cinema na estrada é chegar àqueles lugares que não

CONT.



**Boletim de Notícias** - Edição nº 131 / 2014

Brasília, 30 de julho de 2014.

dispõem de sala de cinema e muitas vezes nem da possibilidade de, através da internet, baixar um filme ou assistir online. Nesses lugares, que o acesso é praticamente nulo, o Cinema na Estrada desempenha um papel muito interessante”, ressalta. A crescente criação de cineclubes, a escassez das salas de cinema fora da capital do estado e o desejo de ampliação do projeto também foram destacados por Francine.



## **Reservas extrativistas enfrentam o desafio da sucessão**

SÍTIO FAPEAM, 29.07.2014

As reservas extrativistas representam um fator importante em termos de proteção da floresta amazônica, abrangendo atualmente 24 milhões de hectares – área equivalente a 5% do território do bioma.

Alguns dos principais desafios para a continuidade do projeto, contudo, serão dar condições sociais e econômicas para que a atual geração de jovens que vive nessas unidades de conservação permaneça na floresta e assuma o papel de liderança desempenhado por seus pais e avós nas últimas décadas.

A avaliação foi feita por Mary Allegretti, professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em palestra sobre os 25 anos de criação das reservas extrativistas, durante a 66ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Com o tema "Ciência e Tecnologia em uma Amazônia sem fronteiras", o evento ocorre até o próximo domingo (27/07), no campus da Universidade Federal do Acre (UFAC), em Rio Branco.

"A criação das reservas extrativistas na Amazônia, em 1989, representou uma revolução porque, se elas não tivessem sido instituídas, os seringueiros – hoje chamados de extrativistas – teriam saído da floresta e ido para as periferias das cidades, e os recursos naturais da floresta teriam se transformado em matérias-primas e não em meio de vida", avaliou Allegretti.

"Ter, hoje, 5% da Floresta Amazônica protegida por comunidades tradicionais, vivendo em 89 unidades de conservação, é um marco histórico, resultado do esforço coletivo feito nas últimas décadas por trabalhadores rurais analfabetos, sem poderes políticos e econômicos e sem armas, que decidiram enfrentar uma luta árdua contra a derrubada da floresta", afirmou.

Esses trabalhadores rurais, egressos principalmente do Nordeste, chegaram à Amazônia para trabalhar na extração de látex dos seringais da floresta, para produção de borracha, em dois grandes fluxos migratórios.

O primeiro foi durante o primeiro ciclo da borracha da Amazônia, entre 1880 e 1920, no chamado "tempo dos seringais". Nesse período, em que houve um extermínio em massa de populações indígenas na floresta amazônica, os seringais se estabeleceram no bioma por meio de barracões e eram submetidos a um regime de servidão por dívidas. "Esse ciclo terminou com a entrada da Malásia e, consequentemente, a saída da Amazônia do mercado internacional de borracha", disse Alegretti.

Já o segundo fluxo migratório de seringueiros na Amazônia, ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando, em razão do bloqueio do acesso à produção da borracha na

CONT.



Ásia, houve uma nova procura pelo produto amazonense e os seringueiros passaram a ser chamados de “soldados da borracha”. Esse ciclo foi interrompido logo após o fim da guerra, em 1946, com o surgimento da crise da borracha no mercado internacional.

Segundo Allegretti, naquele período começou a ser desencadeado um processo de desagregação dos barracões que permitiu aos seringueiros viver com certa autonomia, como uma espécie de campesinato na floresta.

“Os seringueiros continuaram vivendo na floresta em condições de subsistência, sem ter um produto principal, como a borracha, mas sem precisar depender do patrão. Foi então que o processo de construção de uma sociedade na floresta amazônica começou a ocorrer”, disse.

O processo, no entanto, foi interrompido com o estabelecimento do Regime Militar no país, em 1964. Um dos pressupostos dos militares era o de que a Amazônia representava uma espécie de vazio demográfico que precisava ser preenchido por uma série de investimentos em infraestrutura que estimulariam a colonização da região.

Uma das consequências do processo expansionista na floresta foi o surgimento de uma onda de choques com os seringueiros que ali já habitavam e começaram a ser expulsos por fazendeiros que chegavam à região, contou Allegretti.

“Na época, surgiram sindicatos de trabalhadores rurais nos municípios de Brasileia e Xapuri, no Acre, que começaram a defender o conceito de que os seringueiros que já estavam vivendo na florestas eram posseiros e, como tal, tinham direitos ao território onde viviam”, disse.

Leia a matéria completa, clique aqui (<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.php?id=94585>).



## **Índios têm atenção diferenciada na gestação e partos**

SÍTIO BONDE, 29.07.2014

Apresentar a forma como os Munduruku vivenciam a gestação, o parto e o pós-parto em tempos em que se procura valorizar, reconhecer e respeitar a diversidade étnica e cultural dos povos indígenas no Brasil e a necessidade de minimizar os processos de medicalização da saúde indígena sem abrir mão do direito de cidadania de acesso aos serviços de saúde biomédicos.

Essa foi a motivação da pesquisadora da Fiocruz Amazonas, Raquel Paiva Dias-Scopel, para realizar um estudo que resultou na sua tese de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Na tese A cosmopolítica da gestação, parto e pós-parto: Práticas de autoatenção e processo de medicalização entre os índios Munduruku\*, Raquel apresenta uma etnografia das práticas de autoatenção relativas à gestação, ao parto e ao pós-parto entre os índios Munduruku da Terra Indígena Kwatá-Laranjal, Borba, Amazonas, Brasil, feita a partir da abordagem da antropologia da saúde.

Com o estudo, observou-se que as mulheres Munduruku têm articulado as práticas biomédicas (modelo médico oficial) com as práticas indígenas de atenção à saúde, apesar das diferenças radicais entre elas.

"Elas têm participado do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, por meio das consultas de acompanhamento pré-natal, ao mesmo tempo em que consultam parteiras, pajés e as mulheres mais velhas da família extensa para "pegar barriga", "puxar a mãe do corpo", fazer "banhos", além de seguirem uma dieta alimentar e cumprirem um conjunto de prescrições e proibições acerca das atividades diárias de trabalho e de lazer", explicou.

Dentre os Munduruku a biomedicina é um recurso de atenção à saúde com o qual pretendem contar e prevenir, solucionar, minimizar ou tratar questões relativas às enfermidades.

No nível das práticas de autoatenção à saúde, verificou-se que as populações indígenas têm articulado os diferentes saberes (modelo médico e indígena) na tentativa de aumentar a qualidade de vida da população local, apesar da crescente expansão da medicalização do parto entre os indígenas no Brasil, demonstrando a potencialidade dos saberes locais nos processos de saúde/doença/atenção.



---

**Paranhos- Grupo especial prende suspeitos de aterrorizar aldeias indígenas**  
SÍTIO PORTAL DO CONESUL, 30.07.2014

Um grupo especial formado por polícias Civil, Militar e Federal e representantes da Funai da regional de Ponta Porã desarticulou um grupo de indígenas que vinha ameaçando lideranças locais, moradores da aldeia, cometendo furtos e abatendo gados de fazendas na região. As principais aldeias afetadas eram Paraguassú e Arroyo Corá, 30 km distante de Paranhos .

Os suspeitos eram liderados por Silvio Vilhalva e estava agindo há meses. Em um primeiro momento da ação, o grupo especial foi na casa de Denis Lopes, na aldeia Paraguassu, e encontrou um revólver calibre 32, dois facões, uma caixa contendo diversas ferramentas, uma motosserra e uma máquina de 20 litros de pulverizador de veneno, além de outros objetos que foram identificados como produto de furto.

Vilhalva também foi localizado. Ele é suspeito de cometer dois homicídios, furtos e várias ameaças. Um dos casos em que ele é investigado, um servidor da Funai relatou que Vilhalva teria colocado veneno em uma caixa d'água que abastece uma comunidade indígena de 2 mil pessoas da etnia guarani-kaiowa.

Os suspeitos foram levados para a delegacia e os objetos apreendidos também. Na investigação, Vilhalva foi identificado como Osílvio Vilhava Gomes.

Paranhos tem seis aldeias, que totaliza uma população de cerca de 6 mil indígenas.



**Boletim de Notícias** - Edição nº 131 / 2014

Brasília, 30 de julho de 2014.

---

**XXXII Festival do Açaí do Quilombo de Murumurutuba**

SÍTIO PORTAL NA HORA, 30.07.2014

Nos dias 1º e 02 de agosto, na Comunidade Quilombola de Murumurutuba, será realizado o XXXII Festival do Açaí. O evento é organizado pela diretoria do Sacramento Esporte Clube do Quilombo de Murumurutuba, em parceria com a Prefeitura de Santarém. Estão programadas atividades sócio-culturais e esportivas. O acesso a comunidade é pela Rodovia Santarém Curua-Una, no Km 33 segue pelo ramal da Comunidade Santa Rosa.

Programação

01/02 (Sexta-feira)

Tarde:

Quadrangular Esportivo de Master, com premiação.

Noite:

Abertura oficial do Festival. Apresentação de danças folclóricas, desfile das candidatas a rainha do Festival e música ao vivo.

ASCOM/SEMC



## **AGEHAB em Uruaçu, casas para os quilombolas**

SÍTIO DIÁRIO POPULAR, 30.07.2014

A Agência Goiana de Habitação (Agehab) está empreendendo um trabalho inédito na área de habitação para atender famílias quilombolas em pelo menos 23 municípios de Goiás. Descendentes de núcleos de resistência à escravidão durante o século 19 no território onde hoje está o Estado de Goiás, desde que foram descobertas e integradas no século 20, as comunidades remanescentes de quilombos lutam para conseguir direitos de cidadania, entre eles o acesso à moradia. A primeira ação concreta de parceria da Agehab que está sendo firmada com diversas dessas comunidades será realizada nesta segunda-feira (30/06), no município de Uruaçu, distante 280 km de Goiânia, onde 653 famílias receberão Cheque Mais Moradia modalidade Reforma, no valor total de R\$ 1 milhão e 595 mil. Deste total, 111 cheques são para famílias quilombolas, que receberão em recurso para reformar suas moradias, no valor total de R\$ 333 mil. A maioria é da zona rural.

De acordo com a presidente da Associação da Comunidade Quilombola Urbana João Borges Vieira, Domingas Gouveia de Carvalho, o atendimento da Agehab ao pedido das comunidades quilombolas é uma etapa vencida de uma luta histórica. A comunidade é uma das que são oficialmente reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, entidade ligada ao governo federal, responsável por preservar a cultura afro-brasileira. "Essa parcela da comunidade negra encara essa etapa como uma vitória. Será a primeira vez na história que uma comunidade reconhecida como quilombola receberá benefícios na área de habitação do poder público", ressalta. Segundo estimativa de Domingas, cerca de 320 famílias quilombolas, em um total de mais de 1.500 pessoas, serão beneficiadas diretamente pelos Cheques Reforma que serão entregues nesta segunda-feira.

Para o presidente da Agehab, Luiz Stival, o atendimento às comunidades quilombolas que está se iniciando se confirma como a preocupação em sanar o déficit habitacional em todo o Estado, independente de onde ele esteja e especialmente de melhoria das moradias precárias. "Esse é um dever nosso na gestão dos recursos habitacionais estaduais", reafirma o presidente. De acordo com Stival, as comunidades dos 23 municípios com os quais a Agehab está formando convênios não ficarão somente na modalidade Reforma. "Na maior parte dos municípios serão construídas novas unidades habitacionais para atender essas famílias", adianta.

Ainda segundo o presidente, estão sendo liberados ao todo mais de 5 mil novas unidades habitacionais e mais de 270 reformas para famílias de comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares e ainda para comunidades ciganas que têm associações reconhecidas. "Essa população faz parte de uma parcela que quase nunca recebe a devida atenção de programas sociais. Na Agehab, elas também estão ganhando importância". Além de Uruaçu, onde o trabalho da equipe de assistência social já está em andamento, estão na lista 23 municípios que terão famílias quilombolas e ciganas atendidas (veja quadro).

Comunidades Quilombolas



**Boletim de Notícias** - Edição nº 131 / 2014

Brasília, 30 de julho de 2014.

---

Nova Roma

Cavalcante

Terezina de Goiás

Silvânia

São Luiz do Norte

Santa Rita do Novo Destino

Minaçu

Cidade Ocidental

Cromínia

Posse

Monte Alegre de Goiás

Barro Alto

Mineiros

Aparecida de Goiânia

Campos Belos

Flores de Goiás

São João D'Aliança

Goianésia

Colinas do Sul

Cristalina

Iaciara

Mimoso de Goiás

Padre Bernardo



**Boletim de Notícias** - Edição nº 131 / 2014

Brasília, 30 de julho de 2014.

---

Comunidades Ciganas

Trindade

Morrinhos

Cezarina

Pontalina

Cromínia

Itaberaí



---

**Evento reúne índios de 10 aldeias Guaranis no Centro Juan Diego**

SÍTIO GUARA NOTÍCIAS, 30.07.2014

Ontem foi o segundo dia de atividades da 2ª Mostra de Cultura e Arte Guarani, do 1º Encontro Geral do Projeto Nossa Aldeia Nosso Ambiente, que acontece no Centro de Formação Juan Diego, em Guarapuava. Índios de etnia Guarani de 10 aldeias do Sul do país realizaram apresentações artísticas como dança, coral, teatro, além de exposições de desenhos, artesanato e fotografias.

O evento, que reúne aproximadamente 200 índios Guaranis e segue até hoje, tem como maior patrocinador a Petrobras, e traz oito aldeias do Paraná e duas de Santa Catarina.

Desde segunda-feira, 28, estão sendo realizadas atividades que envolvem todos os participantes. A convivência é valorizada durante o evento, com a promoção de conversas para a troca de experiências.



---

**Para Antonio João, questão indígena merece atenção**  
SÍTIO ITAPORÃ AGORA, 30.07.2014

“Temos que olhar o índio como um cidadão brasileiro, que tem os mesmos direitos de qualquer pessoa”. Com essa frase o candidato ao Senado, Antonio João (PSD), resumiu sua visão sobre a problemática indígena no País e, principalmente, em Mato Grosso do Sul, Estado que abriga a segunda maior população indígena do Brasil, com 73.295 índios, conforme dados do último Censo do IBGE, ficando atrás apenas do Amazonas. No total, são 896,9 mil índios no Brasil.

Mas não é somente a população indígena que é grande. Os problemas de infraestrutura nas aldeias também são muitos e expõem esses indivíduos a várias situações de risco. “Os índios, especialmente as crianças, estão em contato com todo tipo de problema, desde drogas até prostituição”, lamentou o candidato.

Antonio João disse que as condições desumanas observadas em boa parte das aldeias do Estado equivalem a escravidão. “A princesa Isabel decretou a Lei Áurea em 1888, mas ela não acabou totalmente no Brasil porque de certa forma o índio ainda é escravo. Não há amparo do Governo Federal para que ele se torne, de fato, um cidadão”.

O candidato acredita que o maior problema está na administração equivocada da Funai (Fundação Nacional do Índio). Criada no final da década de 60 para cuidar das necessidades indígenas, o órgão ficou sucateado ao longo dos anos com a falta de investimentos do Governo Federal. Sem funcionários e infraestrutura adequados, a Fundação não consegue suprir as necessidades da população indígena.

“A Funai concentra os índios em reservas que mais parecem campos de concentração e se beneficia disso porque tem muita gente se aproveitando das falhas do sistema. Os índios acabaram virando escravos da União”, afirmou.

Para que esse quadro de abandono das aldeias seja revertido, é preciso que deputados e senadores eleitos cobrem ações efetivas do Governo Federal. “O índio precisa de uma política séria, voltada para suas necessidades e que respeite suas raízes. É isso que o senador precisa cuidar”, ressaltou Antonio João.

A saúde e a educação, dois dos principais pontos defendidos pelo candidato em sua campanha, também estão esquecidos nas aldeias, segundo ele. “É a maior covardia que eu conheço. Eles não têm tratamento odontológico, nem médico adequados”.

Prova desses problemas constantes foi a situação enfrentada no final do ano passado pela Casa de Apoio à Saúde Indígena, em Dourados, município que abriga a maior parte da população de índios de Mato Grosso do Sul. No final de 2013, o local estava em situação precária, sem leitos, com móveis quebrados, infiltrações, falta de material de limpeza e quartos sem luz.

CONT.



**Boletim de Notícias** - Edição nº 131 / 2014

Brasília, 30 de julho de 2014.

Os problemas colocaram em risco a saúde dos indígenas atendidos no local, que acabaram sendo transferidos para hospitais da região.

Na opinião de Antonio João, as crianças que vivem nas aldeias são as que mais sofrem com esse descaso político. “É preciso dar a elas uma escola especial para que saiam dessa situação de risco”, enfatizou, complementando: “Muita gente acha que basta dar a eles uma cesta básica que está tudo resolvido. Está errado! Cabe ao senador obrigar o governo a cuidar dos índios para que eles saiam dessa condição de escravos”, concluiu.



### **Cerimônia indígena marca encerramento do curso de línguas**

SÍTIO PORTAL NA HORA, 30.07.2014

Está marcada para esta quinta-feira, dia 31, a formatura dos 73 alunos que participaram dos cursos das línguas indígenas Munduruku e Nheengatu, promovidos pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) desde o dia 2 de julho no Centro Indígena Maíra, em Santarém. Além da entrega de certificados, a cerimônia deve ser marcada pela apresentação de cantos e danças indígenas e também pela confraternização dos participantes com comidas e bebidas típicas. A programação inicia às 18h no Centro Indígena Maíra (Rodovia Santarém-Cuiabá, 3180, Km 3, próximo ao Seminário São Pio X, no bairro da Esperança).

O evento desta quinta marca o encerramento da primeira etapa dos cursos, em que foi repassada a formação básica da gramática, pronúncia e lógica própria de cada língua. Na segunda etapa, que será realizada em janeiro de 2015, os alunos receberão uma formação mais completa e aprofundada, com a qual poderão se tornar professores destes idiomas. Apesar de ter a língua como destaque, o curso também enfatiza outras características culturais e procura valorizar de forma geral as etnias indígenas da Amazônia.

Atualmente, são faladas cerca de 200 línguas indígenas no Brasil. O Diretor de Ações Afirmativas da UFOPA, Prof. Florêncio Vaz, explica que a escolha do Nheengatu e do Munduruku para a oferta destes cursos se deve à importância histórica que os dois idiomas têm para a região. De acordo com o professor, o Nheengatu era falado fluentemente em toda região de Santarém até a segunda metade do século XIX. Hoje, os 11 povos indígenas da região estão resgatando ou reaprendendo esta língua, que já é ensinada nas escolas indígenas. O Munduruku também era falado em todo o vale do rio Tapajós e ainda é usado fluentemente no médio e alto Tapajós. Também há aldeias no baixo Tapajós que estão em processo de aprendizagem da língua Munduruku.

Os cursos de línguas indígenas é uma iniciativa da UFOPA através do Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia e Grupo Consciência Indígena. A atividade conta ainda com o apoio das Pró-Reitorias de Comunidade, Cultura e Extensão (PROCCE) e de Assistência Estudantil (PROGES), do Conselho de Indígenas dos rios Tapajós e Arapiuns, da Rádio Rural de Santarém, da Associação Frades Menores na Amazônia e da Associação Indígena do Município de Barcelos – AM.

Comunicação/UFOPA



---

**Brasil: Porta-voz dos índios Yanomami pede proteção policial devido a ameaças**  
SÍTIO PORTAL DE ANGOLA, 30.07.2014

O porta-voz da tribo Yanomami, Davi Kopenawa, pediu proteção a polícia brasileira devido a uma série de ameaças de morte feitas por homens armados, alegadamente contratados por garimpeiros que trabalham ilegalmente nas terras indígenas, divulgou hoje a Survival International.

Em junho, segundo a Survival International, homens armados em motas invadiram o escritório do Instituto Socioambiental (ISA), que trabalha em estreita colaboração com os Yanomami, perguntando por Davi Kopenawa.

Os homens ameaçaram a equipa de funcionários do ISA — que é uma organização da sociedade civil de interesse público (OSIP) — com armas e roubaram computadores e outros equipamentos. Após o assalto, um dos homens foi preso e declarou ter sido contratado por garimpeiros.

Em maio, a Hutukara Associação Yanomami — presidida por Kopenawa — recebeu uma mensagem dos garimpeiros de que o porta-voz não estaria vivo até ao final deste ano.

“Eles querem acabar comigo... Não faço como os brancos que vão atrás de uma pessoa para acabar com ela. Não atrapalho o trabalho deles, mas eles estão atrapalhando o nosso trabalho e a nossa luta. Vou continuar lutando e trabalhando pelo meu povo. Porque esse é o meu trabalho. Defender o povo e a terra Yanomami”, disse Davi Kopenawa.

Desde o ataque, um clima de medo tem pairado sobre os escritórios do ISA e da Hutukara, com homens em motas a intimidar os funcionários e a perguntar sempre pelo porta-voz, que também é um xamã.

De acordo com a Survival, os garimpeiros ilegais trabalham na terra Yanomami, poluindo o ambiente que os Yanomami dependem para a sua sobrevivência.

Em colaboração com a Hutukara, o Governo do Brasil lançou uma grande operação para expulsar centenas de garimpeiros ilegais e destruir as máquinas do garimpo em fevereiro de 2014.

Kopenawa, que foi chamado de “Dalai Lama da floresta”, está à frente da luta pela proteção da terra Yanomami há mais de 30 anos.

O porta-voz dos Yanomami viajou para o exterior em várias ocasiões para aumentar a consciencialização sobre a necessidade urgente de proteger a floresta Amazónica da destruição. Já discursou na ONU e recebeu o prêmio Global 500, entre outros, pela sua contribuição na luta pela preservação ambiental.

CONT.



**Boletim de Notícias** - Edição nº 131 / 2014

Brasília, 30 de julho de 2014.

“As leis do Estado não significam nada na fronteira da Amazônia, que é tão selvagem e violenta como o oeste-americano costumava ser”, disse hoje o diretor da Survival International, Stephen Corry.

“Qualquer pessoa que se coloque no caminho dessa colonização agressiva corre o risco de ser morto a sangue frio. Não são falsas ameaças — ativistas indígenas são frequentemente assassinados por resistirem à destruição das suas terras”, sublinhou Corry.

Para o ativista ambiental, “a vida de Davi Kopenawa está em perigo. Aqueles por detrás das ameaças e deste último ataque devem ser levados à justiça e as autoridades precisam agir logo para evitar o assassinio de mais um homem inocente”. (noticiasaoiminuto.com)



**Boletim de Notícias** - Edição nº 131 / 2014

Brasília, 30 de julho de 2014.

---

**Luciana Genro visita moradores de comunidades indígenas no Pecém**

SÍTIO CEARÁ NEWS 7, 30.07.2014

Candidata à Presidência da República pelo PSOL, Luciana Genro está no Ceará desde terça-feira (29), onde cumpre agenda com correligionários e apoiadores. Na manhã de hoje, a comitiva da campanha visitou comunidades atingidas pelas obras do Complexo Industrial e Portuário do Pecém, na Região Metropolitana de Fortaleza.

De acordo com a assessoria da campanha, após ouvir denúncias de violações aos Direitos Humanos cometidas pelos empreendimentos instalados nas comunidades contra o povo indígena Anacé, que habita tradicionalmente um território situado em São Gonçalo do Amarante e Caucaia, Luciana Genro apresentou aos participantes parte de seu programa de governo voltado aos direitos dos povos indígenas e à construção do chamado Ecosocialismo.



---

**Bloqueio na MS-156 por educadores indígenas é por tempo indeterminado**

SÍTIO A GAZETA NEWS, 30.07.2014

Os educadores indígenas cumpriram a ameaça feita caso o prefeito Murilo Zauith (PSB) não atendesse a comissão de negociação para tratar de assuntos sobre a greve na educação e na manhã de hoje bloquearam com pedaços de madeira a MS-156. O bloqueio segundo lideranças indígenas será por tempo indeterminado.

O Dourados News esteve no local e conversou com a professora Neusa Meireles Quirino, que informou que as reivindicações não são só pela questão salarial, mas também pela infraestrutura das escolas indígenas visto que há mais de 600 alunos fora da sala de aula e 250 deles estudando no município de Itaporã. "As escolas indígenas estão superlotadas com mais de 50 alunos por sala e as estradas para se chegar ao local estão em péssimas condições de uso", disse Neusa.

Apenas veículos de emergência são liberados e a via está sendo bloqueada nos dois trajetos. O bloqueio será por tempo indeterminado, podendo haver desbloqueio a qualquer momento, mas os professores acreditam que pelo menos até a fim seja mantido.

Valdemir Gasparini, 58 anos está transportando uma carga de milho de Xaxim-SC para Maracaju-MS e foi surpreendido com o bloqueio. Gasparini disse ao Dourados News que a maior dificuldade é que eles não foram informados sobre nenhum desvio que poderia ser feito e ele tem prazo pra entregar a carga. "A pressa é de voltar pra casa em Santa Catarina para encontrar meu filho".

De acordo com a secretaria de educação Marinisa Mizoguchi, ela não foi informada sobre o bloqueio, mas disse que o prefeito Murilo Zawuit já esteve na segunda-feira (28) conversando com lideranças indígenas e que a prefeitura não tem como aceitar as propostas deles agora. "Todas essas propostas demanda tempo, e o orçamento do município não pode ser ultrapassado porque então ficaríamos trabalhando fora da lei orçamentária", finalizou.

Os motoristas estão parados na MS-156 sem terem o que fazer a não ser esperar uma solução ou tentar um desvio por outra rodovia. Ademir Alves Passos de 42 anos é de Dourados e precisa passar pela via para buscar uma carga no distrito de Carumbé, município de Itaporã.

Julio Constâncio é natural de Ribeirão Preto e está se mudando para Dourados com a mulher que trabalha na UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados) e disse que nunca passou por uma situação destas.

"Só queria ir pescar no Rio Brilhante, mas o jeito é voltar pra casa, buscar a mulher no trabalho e decidirmos outro tipo de lazer, porque acho que este impasse vai demorar", disse.

Fonte: Dourados News



---

**Seminário debate economia solidária e desenvolvimento sustentável para as comunidades indígenas de Roraima**  
SÍTIO FGV, 30.07.2014

O Conselho Indígena de Roraima (CIR) realiza a partir de amanhã, 29 de julho até o dia 31, o seminário sobre Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável, reunindo lideranças indígenas de diversas regiões do estado, técnicos agrícolas indígenas e gestores públicos. A atividade será realizada na Casa de Cura, localizada na BR174(próximo ao Distrito Industrial), em Boa Vista/RR.

Promover uma discussão e reflexão das lideranças indígenas sobre políticas públicas e as alternativas de economia solidária, fortalecendo a união, o aumento na produção e comercialização de produtos, a segurança alimentar e a geração de renda nas comunidades indígenas, esse é o foco do seminário.

Para a ocasião, foram convidadas as instituições públicas Fundação Nacional do Índio (Funai), Ministério do Desenvolvimento Agrário(MDA), Companhia Nacional de Abastecimento(CONAB), Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento(SEAPA), Universidade Federal de Roraima(UFRR), Instituto Federal de Roraima(IFRR) e Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia(INPA) . Além da presença das organizações indígenas, estudantes indígenas do curso de Gestão Territorial Indígena (GTA), Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol (CIFCRSS) e os centros de produção Tamanduá e Jacamim.

De acordo com a programação, amanhã, às 9h, com a presença dos gestores públicos, o evento inicia o debate abordando a temática sobre “políticas públicas de economia solidária”, a partir de três pontos específicos: Programas de Agricultura Familiar (PRONAF), Aquisição de Alimentos (PAA), Alimentação Escolar (PNAE) e Ensino Técnico (PRONATEC). À tarde, o evento segue com a temática sobre “participação indígena nas políticas públicas de economia solidária”. Para essa temática, o evento conta a presença das organizações indígenas Associação dos Povos Indígenas da Terra Indígena São Marcos (APITSM), Associação dos Povos Indígenas de Roraima (APIRR), Conselho do Povo Indígena Ingaricó(COPING) e Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol(CIFCRSS).

No dia seguinte, 30, os participantes discutem o tema “alternativas de desenvolvimento sustentável – Associações e Cooperativas Indígenas, Produção Tradicional, Agroecologia, Formação e Inserção Profissional de Técnicos Indígenas”. A abordagem será feita com a participação de técnicos da Funai, Instituto Insikiran(UFRR), Instituto Federal de Roraima(IFRR) e Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia(INPA). O dia segue, à tarde, com o tema sobre “participação indígena nos programas de desenvolvimento sustentável”, nesse tema, a presença de estudantes indígenas do curso de Gestão Territorial Indígena (GTI/UFRR), do Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol(CIFCRSS) e dos centros de produção Tamanduá e Jacamim.

CONT.



O último dia, 31, estará reservado para a discussão em grupo, elaboração, planejamento e estratégias a serem implementadas de acordo com o tema abordado.

O seminário é uma atividade do projeto de Desenvolvimento Sustentável dos Povos Indígenas de Roraima, executado pelo CIR desde o mês de abril, com o objetivo de discutir diretamente com as lideranças indígenas as demandas de produção existente nas comunidades, bem como os meios alternativos de comercialização e valorização dos produtos.

Apesar da discussão sobre economia solidária e desenvolvimento sustentável ser recente, principalmente, pós demarcação e homologação de terras indígenas, mas as experiências sobre o assunto entre os povos indígenas de Roraima vem de décadas, através da implantação do Projeto de Gado e das Cantinas Comunitária nas comunidades indígenas com o apoio da Diocese de Roraima e diversos parceiros.

A partir do ano 1996 teve início à estruturação do Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol, localizada na comunidade indígena Barro, região do Surumu, Terra Indígena Raposa Serra do Sol, com a missão de promover a formação de jovens indígenas nas áreas de agropecuária e gestão ambiental, o desenvolvimento de atividade produtivas sustentáveis nas comunidades, e a ampliação das parcerias com entidades indigenistas e órgãos de apoio ao desenvolvimento sustentável.

Essa iniciativa está na proposta do Conselho Indígena de Roraima de estruturar os Centros Regionais de Produção Indígena, previsto no planejamento estratégico no triênio, 2013 a 2015, que busca seguir os princípios da economia solidária e do desenvolvimento sustentável, de forma que fortaleça as práticas tradicionais de produção e as especificidades da cultura indígena.

A atividade promovida pelo CIR, conta com o apoio das entidades parceiras da organização Secours Catholique Caritas France, Embaixada da Noruega e das instituições Fundação Nacional do Índio (Funai) e Universidade Federal de Roraima(UFRR).

**Plumária - Arte maior do Indígena Brasileiro**  
SÍTIO CURTA CURITIBA O ANO INTEIRO, 30.07.2014

*01 de Julho de 2014 até 05 de Outubro de 2014*



Plumária – A Arte Maior do Indígena Brasileiro, com cerca de 100 objetos e utensílios indígenas vindos do Museu de Arte Indígena (MAI), situado em Clevelândia, no Paraná. Com curadoria de Ana Itália Paraná Mariano, a mostra propõe um mergulho na história do Brasil, um resgate de vínculos com o passado e com a cultura indígena.

A curadora explica que a plumária brasileira agrupa adornos corporais, máscaras rituais, artefatos diversos para várias finalidades, brinquedos, armas, cestos, instrumentos musicais. A arte plumária tem para os povos indígenas não apenas a função de adorno, mas funções sócio-culturais profundas e bem definidas que regulam seu uso em rituais e cerimônias ligadas à morte, às crenças, à vida, onde apenas os homens se adornam. As mulheres e crianças só utilizam adornos em momentos determinados.

“Esta exposição proporciona a visão de um outro mundo, uma linguagem em que a harmonia estética, a composição elaborada, representações de um repertório simbólico com significações  
CONT.



iconográficas se fazem presentes”, analisa a curadora. Estela Sandrini, diretora cultural do MON, ressalta que a arte indígena está na pele, à mostra: “eles usam o corpo como suporte”. Ela ainda avalia que é uma exposição fundamental para conhecer a cultura do povo indígena brasileiro.

#### Museu de Arte Indígena

O Museu de Arte Indígena (MAI), inaugurado em 2009, conta com um acervo de aproximadamente 600 obras, fruto de um trabalho de 12 anos de Julianna Podolan Martins - e busca preservar a gênese do povo indígena, que por sua vez remete a aspectos intrínsecos da alma brasileira. O MAI é o único museu nesta categoria existente no Estado e recebe diariamente visitantes dos 42 municípios do sudoeste do Paraná.



## **Justiça determina reintegração de posse contra comunidade Terena de Pillad Rebuá e indígenas garantem resistência**

SÍTIO COMBATE RACISMO AMBIENTAL, 30.07.2014

Renato Santana – CIMI

Com o fim das ações do governo para maquiar as contradições do país durante a Copa do Mundo, um fantasma volta a assombrar os povos indígenas – o fantasma das reintegrações de posse. Menos de um mês depois da final do campeonato mundial de seleções, a 4ª Vara Federal de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, determinou a reintegração de posse de área retomada pelo povo Terena na Terra Indígena Pillad Rebuá, município de Miranda, região do Pantanal. Ainda não há um dia definido para a reintegração.

A defesa da comunidade irá recorrer da determinação. Os indígenas, por sua vez, afirmam que não desistirão do território tradicional. “Não estamos invadindo nada que não nos pertence. O que fizemos e manteremos é a ocupação de nossas terras. Vamos lutar até o fim”, declara Inezita Terena. Pillad teve o primeiro registro de reconhecimento pelo Estado em 1904. Um processo de demarcação teve início em 1950, mas não seguiu. “Sempre estivemos aqui e daqui fomos expulsos. Jamais que queremos algo que não seja de nosso povo, de nossos ancestrais”, diz Inezita.

Em Pillad, os terena plantam em roças espalhadas por toda a área. Os 2,2 mil indígenas de Pillad, até as últimas retomadas de outubro de 2013, viviam em 94 hectares, divididos em duas aldeias, Moreira e Passarinho. As retomadas ocorreram em duas propriedades localizadas dentro de Pillad. A ação foi também uma forma de exigir que fosse instituído o Grupo de Trabalho (GT) para finalizar o processo de identificação e demarcação da terra indígena, cuja dimensão apontada nos laudos iniciais da Fundação Nacional do Índio (Funai) é de 10.400 hectares.

Inezita explica que a Justiça Federal convocou os terena de Pillad para uma reunião na próxima quinta-feira com os fazendeiros que se dizem proprietários da área incidente à terra indígena. “Sempre optamos pelo diálogo. Várias vezes tentamos explicar para os fazendeiros que essa terra é do povo Terena, mas sempre responderam com violência. Pensamos que o caso é de demarcar nossas terras”, defende Inezita. O Mato Grosso do Sul, porém, é um dos estados mais afetados pela política indigenista do governo federal de paralisação dos procedimentos de demarcações.

Como consequência, a violência tem pautado a já dura vida de milhares de indígenas que buscam pequenas porções de terras em áreas tradicionais invadidas por fazendas. Em 10 de novembro do ano passado, cerca de 300 indígenas Terena foram atacados por homens armados em caminhonetes depois de terem ocupado a fazenda. Cápsulas de 9mm foram encontradas no local e entregues à Polícia Federal. Na sede da propriedade foram encontrados diversos buracos de bala no telhado, paredes e em um bebedouro.

CONT.



Dois dias depois, fazendeiros expulsaram à tiros indígenas que haviam retomado a área de uma outra fazenda que incide sobre a área reivindicada como terra indígena Pillad Rebuá. Um trator pertencente à comunidade também foi incendiado. Ninguém ficou ferido.

#### Incêndios e atentados

Contra o povo Terena, já são inúmeros os casos de ataques, incêndios e ameaças. O indígena Paulino Terena, liderança de Pillad Rebuá, faz parte do Programa de Defensores de Direitos Humanos da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República. Mesmo assim, acabou baleado na perna direita depois que homens não identificados atacaram a tiros, na madrugada de uma segunda-feira, dia 19 de maio deste ano, a aldeia e a casa onde ele vive. Este foi o terceiro atentado sofrido pelo indígena em menos de um ano.

No dia 6 de dezembro do ano passado, quatro homens encapuzados atearam fogo no carro do indígena depois de emboscada. Tentaram atear fogo em Paulino, que fugiu para o mato entre os tiros dos pistoleiros. Três dias depois a casa do indígena foi arrombada.

Paulino denunciou à Polícia, Funai e Ministério Público Federal (MPF) as sucessivas ameaças de morte que vinha recebendo. Durante a 4ª. Assembleia do Povo Terena, no final do ano passado, a comunidade de Pillad entregou uma carta ao Conselho Terena relatando que “[fazendeiros] querem a cabeça dele [Paulino] como troféu”.

A violência contra o povo Terena, em Miranda, é reflexo da luta dos indígenas por suas terras tradicionais. Em 4 de junho de 2011, um ônibus que transportava cerca de 30 estudantes terena, a maioria entre 15 e 17 anos, foi atacado com pedras e coquetéis molotov. Seis pessoas, incluindo o motorista, sofreram queimaduras. Quatro foram internadas em estado grave.

A estudante Lurdesvoni Pires, de 28 anos, faleceu, vítima de ferimentos causados pelas queimaduras. Na época, lideranças terena creditaram o ataque a proprietários rurais da região, no contexto da disputa pela demarcação das terras indígenas. No dia 28 de novembro de 2012, também em Miranda, um ônibus vazio que realizava transporte de alunos terena foi incendiado. Ele fazia o trajeto pela terra indígena Cachoeirinha, também alvo de conflito.